

hipóteses de século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 9 • 2009

Cunha Leal e a *Vida Contemporânea*
(1934-1936)

Júlio Rodrigues da Silva

Júlio Rodrigues da Silva, doutorado em Teoria e História das Ideias, especialidade de História das Ideias Políticas, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Professor Associado de História, Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa. E-mail: jrodriguessilva@sapo.pt

A revista *Vida Contemporânea* surgiu em Maio de 1934, ano marcado por eventos dramáticos em Portugal: a Revolta de Marinha Grande em 18 de Janeiro, a entrada em vigor da Constituição de 1933 e a realização das primeiras eleições, em 16 Dezembro, para a Assembleia Nacional. Perante estes momentos iniciais a consolidação do Estado Novo, a oposição ao regime, dividida e cada vez mais enfraquecida pela repressão, parecia mostrar-se incapaz de inverter a marcha dos acontecimentos propícia ao *salazarismo* nascente. O panorama internacional, caracterizado pelo triunfo dos sistemas totalitários, acrescentava uma nota sombria a este contexto político, difícil para os defensores das democracias liberais.

Ilustre homem público¹

O aparecimento da revista *Vida Contemporânea*, com o subtítulo de *Revista Mensal de Estudos Económicos, Financeiros, Sociais e Literários*, obedecia a objectivos políticos e culturais específicos. O proprietário e director era o engenheiro Francisco Pinto Cunha Leal (1888-1970), chefe de ministério na Primeira República, antigo reitor da Universidade de Coimbra e opositor ao Estado Novo². O periódico nasceu na sequência do regresso de Cunha Leal de um dos seus exílios, resultantes justamente das actividades contra o regime político, institucionalizado com a Constituição de 1933. Esteve exilado desde 1930 na Galiza (Corunha), onde estabeleceu uma forte amizade com o líder nacionalista galego e futuro chefe do governo espanhol, Casares Quiroga. Aproveitaria a amnistia de finais de 1932 para regressar a Portugal e lançar a *Vida Contemporânea*, no conturbado ano de 1934, como nos descreve Vasco da Gama Fernandes:

Entretanto chegara do exílio, como disse, o engenheiro Cunha Leal. Fui cumprimentá-lo e passei a frequentar a sua casa, na mesa-redonda dos seus amigos, com requintes de gentileza, e mais tarde de amizade, que profundamente me sensibilizavam. Cunha Leal procurava ganhar a vida e daí ter aceitado a sugestão de se fundar uma revista, que seria *A Vida Contemporânea*, com a sua redacção provisória em minha casa, a direcção, como se impunha, confiada ao antigo presidente do Ministério, que, perante os ciúmes dos mais velhos, me escolhia para redactor principal. A revista desempenhou um papel importante na época, particularmente através dos estudos e artigos de Cunha Leal, pois a censura mais

¹ Cf. REDACÇÃO – Um livro indispensável. «A Técnica e as Transformações Sociais Contemporâneas» por Cunha Leal. *Vida Contemporânea*. Lisboa: Renascença. Ano I, n.º 1 (Maio 1934) p. 22.

² A *Vida Contemporânea*, *Revista Mensal de Estudos Económicos, Financeiros, Sociais e Literários*, foi impressa inicialmente na Tipografia Renascença. Os seus elementos principais eram respectivamente: redactor principal Vasco da Gama Fernandes, editor e secretário da redacção Victor Júdice da Costa e administrador António Casanovas Augustine. Iniciada a sua publicação em Maio de 1934, resistiria dois anos à Comissão de Censura, tendo o último número saído em Abril de 1936. Vasco da Gama Fernandes numa carta enviada a Abel Salazar em 27 de Setembro de 1936 refere expressamente esta questão: «[...] Também Vasco da Gama Fernandes, em carta enviada ao histologista portuense, de 27 de Março de 1936, lhe dizia acerca da *Vida Contemporânea*: «infelizmente creio que a nossa revista expira com o próximo número, completando dois anos duma existência corajosa e árdua. A mesa censória voluptuosamente tem-se encarregado de a esfrangalhar, cortando artigos a esmo (o seu sobre 'ser ou não ser – eis a questão' foi degolado) ». [...]». In CUNHA, Norberto Ferreira da – *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*. Lisboa: INCM, 1997, p. 362.

leve consentia que ele criticasse os acontecimentos, na órbita dos problemas da economia e das finanças, e nas suas páginas se congregavam alguns valores nacionais, e grande relevo³.

A sobrevivência económica e a intervenção na vida pública nacional, conjugavam-se em Cunha Leal com o recurso à imprensa periódica. O encerramento do espaço público, por parte do regime, não chegará ao ponto de interditar a circulação de uma revista cultural imbuída de um espírito de dissidência. A expressão de ideias heterodoxas ainda era possível, embora submetida aos constrangimentos da censura prévia. Aliás, o seu director reconheceu-o plenamente, anos depois, ao referir-se a uma nova deportação para Espanha em Maio de 1935⁴. O tratamento prioritário, dado às questões financeiras e económicas, não pode ser encarado de forma inocente, apesar do impacto da crise de 1929 e do *New Deal* na opinião pública da época. O debate em torno destas questões era essencial para decidir as orientações do Estado e a validade das soluções protagonizadas pelos seus agentes, ou seja, as opções financeiras e políticas de Salazar. A *Vida Contemporânea* tinha a marca de um projecto político, centrado na pessoa do seu director, propagandeado através dos seus editoriais e artigos, da publicidade aos seus livros, das homenagens em almoços de confraternização e até da homenagem final, no último número da revista, onde, por baixo do seu retrato, surge um legenda evocativa dos dois anos de luta⁵.

Não se trata de uma forma de narcisismo político reduzido à promoção da personagem ilustre do proprietário, como o comprova a estrutura da revista. O periódico estava organizado em secções que cobriam os diferentes aspectos económicos, financeiros, culturais, coloniais, internacionais, artísticos, literários e sociais da vida nacional. Assim sendo, funcionava no conjunto como um grupo de estudos capaz de fornecer respostas especializadas em várias áreas inerentes à gestão do estado. Aproximando-se do modelo moderno do governo sombra oferecia aos seus leitores e ao público culto, em geral, um conjunto de respostas passíveis de serem apresentadas como alternativas às políticas do Estado Novo. A luta pelo poder no interior do regime não estava ainda resolvida, sucedendo-se as pressões de militares republicanos e liberais junto do presidente Carmona para a demissão de Salazar. A possibilidade de uma reviravolta política esteve iminente na tentativa falhada de Vicente de Freitas e outros militares em 5 de Outubro de 1934. Cunha Leal jogaria ao mesmo tempo em dois tabuleiros: o da conspiração político-militar e o da transformação interna da ditadura nacional, no sentido do regresso a um regime constitucional, sem implicar o retorno ao modelo da Primeira República. No primeiro caso importava não excluir ninguém da «frente» anti-salazarista, tornando-se mesmo possível, em 1934-1935 um acordo de circunstância com os nacionais sindicalistas de Rolão Preto. No segundo

³ Cf. FERNANDES, Vasco da Gama – *Depoimento Inacabado*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975, p. 53. Consultar ROSAS, Fernando – O Estado Novo (1926-1974). In MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, Vol VII, p. 226-229. Ver também PAULO, Heloísa – *Imagens da Liberdade: os exilados portugueses e a luta pela liberdade na Península Ibérica*. *Estudos do Século XX*. Cultura: Imagens e Representações. RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (dir.); NETO, Vítor (coord.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. N.º 8 (2008) p. 87-103.

⁴ Cf. LEAL, Francisco Pinto de Cunha – *Coisas do Tempo Presente, Ilusões Macabras*. Lisboa: Edição do Autor, 1964, p. 180-181.

⁵ Cf. LEAL, Francisco Pinto de Cunha – *Vida Contemporânea*. Lisboa: Imprensa Lucas & C.ª. Ano II, n.º 24 (Abr. 1936) p. 1089.

caso, era necessário tornar credível a hipótese de uma alternativa governativa a Salazar, capaz de seduzir boa parte das elites que se agrupavam, ainda de forma fluida, no interior do regime. Nesta perspectiva, a apresentação da sua pessoa, pelos correligionários na *Vida Contemporânea*, como «antigo presidente do governo», destinava-se a reforçar esta segunda opção dos opositores ao Estado Novo⁶.

A realização desta estratégia previa a publicação das suas propostas na opinião pública e a captação das elites intelectuais nacionais para um projecto político e cultural, alternativo ao de Salazar. A difusão junto do grande público era facilitada pelo preço da revista, considerado módico para a época, embora só ao alcance dos detentores dos rudimentos mínimos da cultura escrita e, pelo menos de alguns conhecimentos literários e científicos⁷. A divulgação da *Vida Contemporânea*, junto de um público popular, foi conseguida graças à publicidade obtida de empresas dos diversos sectores da actividade económica nacional: a Sonap, a Lusalite, a Companhia de Moçambique, a Empresa de Fiação e Tecidos de Benfica S.A.R.L., a Companhia de Seguros Tagus, a fábrica de conservas José António Cabral & Filhos, a corticeira Silvestre Brito da Luz & C.^a. No entanto, estas empresas, de tamanho médio e grande, não excluíam as pequenas lojas de comércio lisboeta, ou os escritórios de advogados que constituíam uma parte importante dos anúncios da revista. A credibilidade da *Vida Contemporânea* é assim atestada pela aparente facilidade em contar com o apoio publicitário no meio empresarial português, constituindo, de certa maneira, um apoio político. Na verdade, a revista não encerrará por razões económicas, mas devido à censura prévia que, a partir dos inícios de 1936, tornou impossível publicar os respectivos artigos.

Aliás, parece ter tido uma boa recepção na imprensa da época como é referido orgulhosamente pela redacção:

À parte um ou outro silêncio, a imprensa do nosso país referiu-se, com palavras de imerecido elogio, à saída do 1.º número da *Vida Contemporânea*.

Antes da sua publicação, com uma gentileza que muito nos penhorou, dirigiram-nos palavras de incitamento e anunciaram o nosso próximo aparecimento o *Diário de Lisboa*, *Primeiro de Janeiro*, *Revista Portuguesa de Seguros* e num longo e interessante artigo o nosso prezado amigo Raul Esteves dos Santos na sua *Revista Portuguesa de Comunicações*.

Depois de ter sido posto á venda, os mesmos jornais dirigiram-nos saudações conjuntamente com o *Diário de Notícias*, *Democracia do Sul*, *Montanha*, *Diário do Alentejo* e *Voz da Justiça*. Justo é destacar dentro destes a *República*, *Montanha*, *Voz da Justiça* e *Diário do Alentejo* que num artigo de fundo, da autoria do ilustre jornalista Julião Quintinha, aludiu ao valor e merecimento da nossa ideia.

A todos a *Vida Contemporânea* agradece penhorada⁸.

⁶ Cf. ROSAS, Fernando – O Estado Novo (1926-1974), p. 159-184. Ver REDACÇÃO – Um livro indispensável, p. 22.

⁷ «*Vida Contemporânea*» é das mais valiosas publicações que nos últimos tempos apareceram no nosso país merecendo, de verdade, o interesse de todos os estudiosos, mesmo dos mais pobres, visto que o seu preço é acessível». In QUINTINHA, Julião – *Vida Contemporânea. Diário do Alentejo*. Engana, M. A. (editor). Beja: Minerva Comercial, Ano II, n.º 611 (23 Maio 1934) p. 1.

⁸ Cf. REDACÇÃO – Nós e a Imprensa. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 2 (Jun. 1934), 182. E também REDACÇÃO – Nós e a Imprensa. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 4 (Ago. 1934) p. 363.

Os apoios vêm da imprensa republicana de oposição ao Estado Novo, nacional ou regional, exceptuando a revista espanhola *Nuestra Raza* e a revista francesa *Le Mois*. Significa isto a existência de uma elite política e intelectual de opositores ou pelo menos de hesitantes e neutrais face ao *salazarismo* progressivamente triunfante. Neste sentido as possibilidades de captação política destes diversos grupos parecia ainda ser realizável e compreende-se o esforço da *Vida Contemporânea* para os atrair. Nesta perspectiva, nos princípios de 1935 a revista volta a referir esta questão e aproveita para salientar, não só as novas adesões dos periódicos nacionais, mas igualmente o interesse crescente que se traduz na transcrição dos seus artigos⁹. A galáxia da imprensa da oposição permite assim veicular ideias e mensagens que circulam, com certa liberdade, no campo jornalístico ainda não hegemonizado pela imprensa do regime. A competição entre concepções e ideários políticos é possível nos periódicos nacionais, apesar do campo político se tornar impossível, depois das eleições de 16 Dezembro 1934¹⁰. O vazio criado nesta área, pelo fechamento do regime sobre si mesmo, será amplamente compensado pela valorização do debate sobre as realidades sociais do país, passível de ser facilmente politizado. Aliás, os editoriais, da responsabilidade do director, não deixam qualquer margem para dúvida a este respeito¹¹. A realização dos objectivos culturais da revista passava pela obtenção de uma posição, senão hegemónica, pelo menos, dominante no campo intelectual. Assim sendo, compreende-se que seja esta a perspectiva salientada por aqueles que do exterior saúdam o seu aparecimento como «um verdadeiro acontecimento intelectual»¹².

Eterno renascer

A inserção da revista no campo literário nacional implicava situar-se face a outros projectos alternativos e/ou rivais. Em consequência, importa conhecer os pressupostos culturais que presidem à linha editorial, tal como emergem desde o início da sua publicação em Maio de 1934. O director da *Vida Contemporânea* abordou, no seu primeiro número, esta questão, interrogando-se sobre o conceito da vida no mundo contemporâneo:

⁹ Cf. REDACÇÃO – Nós e a Imprensa. *Vida Contemporânea*. Ano II, n.º 10 (Fev. 1935) p. 155.

¹⁰ Sobre o conceito de campo político consultar: BOURDIEU, Pierre – A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 163-207.

¹¹ «Ainda quando a *Vida Contemporânea* não tivesse a virtude de ser o órgão em que uma corrente ideológica está tentando dar ao público português um aspecto panorâmico da nossa época e uma noção mais ou menos precisa do seu conteúdo espiritual, a circunstância de se estar tornando um lugar de fraterno convívio de homens novos e de homens velhos bastaria para justificar, amplamente, a sua existência.» In LEAL, Francisco Pinto da Cunha – Novos e Velhos. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 3 (Jul. 1934) p. 186.

¹² «Não são vulgares entre nós tentativas desta espécie, tão indispensáveis à formação mental do país e ao esclarecimento dos mais importantes problemas contemporâneos. E das publicações, deste género, que têm vindo a lume, poucas se assemelham ao cunho mental que reveste «*Vida Contemporânea*», que se apresenta com um grupo de colaboradores recrutados nos melhores valores do movimento intelectual português, dirigida por Cunha Leal, espírito brilhante e culto, antigo Presidente do Ministério e reitor da Universidade de Coimbra, tribuno dos mais eloquentes, engenheiro ilustre e homem de Estado experimentado, a quem nem os mais intransigentes adversários negam a inteligência e o saber.» In QUINTINHA, Julião – *Vida Contemporânea*. *Diário do Alentejo*, p. 1.

Olhando em torno de si ou perscrutando a própria intimidade do seu ser, o homem só depara com dúvidas e inquietações. A interrogação fundamental, aquela que se desenha no primeiro plano do panorama contemporâneo, aquela donde decorrem, como corolários lógicos, todas as outras interrogações, é esta: – qual deve ser para as gerações actuais o conceito de vida¹³?

A interrogação de cariz filosófico procurava ser o ponto de partida para a explicação da escolha do título da revista, mas era, igualmente, a reflexão sobre um tema caro aos discursos políticos da época. A primeira resposta autoriza o reconhecimento da mutação civilizacional que se operou, na sensibilidade humana, do século XIX para o século XX. A ruptura, resulta, de facto, da mentalidade do homem actual se identificar, de forma materialista e hedonista, com a sua natureza física, desprezando os aspectos espirituais anteriormente dominantes¹⁴. Porém, a desvalorização da alma, do espírito e da inteligência traduz-se no presente na impossibilidade de conciliar aspectos fundamentais do ser humano: a conservação e o progresso. A ausência de mediação entre estes dois instintos opostos torna cada homem o campo de batalha de uma guerra civil interminável¹⁵. A divisão, em cada homem, alastra a todos os indivíduos e provoca uma cisão no tecido social. Os interesses particulares tornam-se dominantes e provocam uma fragmentação da sociedade, percebida por Cunha Leal como ausência da visão de conjunto dos problemas. O mal estar civilizacional daqui resultante, só pode ser ultrapassado, criando um espaço de debate onde diferentes visões do mundo possam encontrar um lugar pacífico de discussão e esclarecimento, na base da tolerância mútua¹⁶. O projecto cultural da *Vida Contemporânea* contém-se todo nesta aspiração, formulada da seguinte maneira:

A «VIDA CONTEMPORÂNEA», quereria, pois, que todos encontrassem nas suas páginas o complemento necessário das suas observações pessoais. Na retorta do Mundo está-se elaborando um novo estilo de vida. Esta Revista convida os portugueses a debruçarem-se, com ávida curiosidade, sobre essa retorta, a ver se conseguem lobrigar as incertas formas do futuro¹⁷.

¹³ Cf. LEAL, Francisco Pinto da Cunha – A Vida Contemporânea. *Vida Contemporânea*. Lisboa: Renascença. Ano I, n.º 1 (Maio 1934) p. 3.

¹⁴ «O homem do século XX já não consegue compreender o homem super-intelectualizado do século XIX, menosprezador do misérrimo ser físico, que servia de portador à sua alma estilizada. As grandes preocupações metafísicas duma época estática cederam o passo, nos dias de hoje, ao culto pelo corpo humano, donde brotam e jorram, como efúvios, os instintos, os apetites, em suma as manifestações exuberantes da vitalidade orgânica.» LEAL – A Vida Contemporânea. *Vida Contemporânea*, p. 3.

¹⁵ «É, porém, necessário ter em atenção que o homem, é, ao mesmo tempo, produto do passado e portador de gérmenes, que tendem a projectá-lo para o futuro. Dentro dele coexistem instintos de conservação que vêm das profundezas da história e instintos de progresso que o incitam ao aniquilamento das formas presentes da civilização e à conquista das suas formas futuras. A vitória do corpo sobre o espírito deu azo a que as almas humanas se transformassem em campos de batalha onde se degladiam aqueles dois instintos contraditórios, um dos quais acaba por triunfar do outro, mais ou menos inteiramente.» LEAL – A Vida Contemporânea. *Vida Contemporânea*, p. 3-4.

¹⁶ Cf. LEAL – A Vida Contemporânea. *Vida Contemporânea*, p. 4-5.

¹⁷ Cf. LEAL – A Vida Contemporânea. *Vida Contemporânea*, p. 5.

Contudo, importa ter em consideração que a concepção da vida, em Cunha Leal tem um sentido específico que determina um dinamismo de transformação social e a recusa da estagnação, ou de qualquer tipo de conservadorismo¹⁸. Nestas condições, a *Vida Contemporânea* tem de ser a transposição para o campo intelectual deste «eterno renascer» que deve influenciar o mundo da política e a sociedade, em geral.

Resgate espiritual e renovação material

Este compromisso transparece da afirmação da necessidade de «resgate espiritual e renovação material» de Portugal¹⁹. A urgência desta tarefa não pode ser pensada sem nos situarmos face a uma característica especial da alma portuguesa. A doentia saudade do passado, exaltado sempre como glorioso, alimenta o pessimismo nacional perante o presente e a incapacidade de pensar o futuro. O primeiro passo para realizar um programa de recuperação nacional tem que pôr em causa a validade destes pressupostos que dominam a mentalidade lusa. Tal só é possível se olharmos com objectividade a história do país, na época de maior projecção mundial, situando a expansão portuguesa na época moderna. O impacto episódico que tivemos na «evolução da civilização mundial» resultou da disparidade entre o esforço nacional e as capacidades de execução que eram o resultado das limitações materiais do país. A mentalidade dominante nos portugueses traduz-se num desequilíbrio entre as grandes expectativas sobre o destino nacional e as realidades do momento presente. Daqui nasce uma nostalgia, um desalento e um pessimismo nacional que parecem dominar tudo e todos²⁰. O *quichotismo* desta atitude tem de ser ultrapassado, através de um «grande esforço intelectual» que permita encarar as realidades com que se confronta Portugal no momento actual²¹. Nesta perspectiva, a linha editorial evocará o passado nacional sem «histerismos patrioteiros», valorizando a «continuidade histórica do país» e olhando com lucidez para o seu presente e futuro²². O combate contra um nacionalismo reaccionário, voltado para um impossível regresso ao passado, e a desmistificação de um falso patriotismo serão as grandes orientações da revista.

¹⁸ «A vida não é a uniformidade, nem na ordem intelectual, nem na ordem material. A vida é a corrente nascida dos inevitáveis desnivelamentos, é a aspiração de destruí-los, para que outros apareçam. A vida é a ânsia de ascensão – esta ânsia que tem as suas vítimas, os seus fracassados. A vida é uma renovação diária e constante, é um eterno renascer.

É assim a *Vida Contemporânea*.» LEAL, Francisco Pinto da Cunha – Novos e velhos. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 3 (Jul. 1934) p. 188.

¹⁹ Cf. LEAL, Francisco Pinto da Cunha – No começo da nossa jornada. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 2 (Jun. 1934) p. 106.

²⁰ «Há uma explicação plausível para este modo de ser espiritual. A nossa história tem, como as histórias dos outros povos – nem mais, nem menos do que elas – altos e baixos, acções nobres e acções reles, façanhas heróicas e manifestações de poltronaria. Quiseram, porém, os fados que a trajectória portuguesa tivesse influenciado sobremaneira a evolução da civilização mundial e que, em grande parte, os nossos empreendimentos colectivos não estivessem em proporção com a nossa capacidade material, com as nossas possibilidades práticas de execução. Desta maneira, a história de Portugal surge como um fogacho, que se erguesse muito alto para logo quase se extinguir. Isto criou em nós a propensão para os sonhos épicos e para os contrastes bruscos da suma grandeza da suma miséria.» LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 105.

²¹ Cf. LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 106.

²² Cf. LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 108.

Importa reflectir sobre as possibilidades de regeneração do país, no plano económico e espiritual, começando pelos aspectos de ordem material²³. São numerosas as insuficiências a nível da estrutura do capitalismo nacional e das capacidades técnicas intelectuais. Considera, porém, a existência de factores positivos, nomeadamente o património colonial, que importa valorizar como elemento central de uma estratégia de desenvolvimento do país. As transformações complexas do capitalismo internacional são uma oportunidade única que importa aproveitar pois, dado o colapso dos paradigmas clássicos, oferecem expectativas inesperadas para saltar o fosso que nos separa dos países mais avançados. A flexibilidade e a capacidade de adaptação parecem ser elementos para nos aproximarmos da maneira de ser do «homem contemporâneo», principal protagonista desta profunda mudança social do mundo. A prioridade está no *aggiornamento* da «mentalidade portuguesa» que a aproxime dos «povos civilizados». A realização deste ambicioso projecto de reforma das mentalidades exige contar com o apoio dos defensores da «educação das massas» que, na sua opinião, significa a sua «europeização»:

O primeiro grande objectivo de qualquer programa de acção nacional tem de ser precisamente este de conseguir a sincronização da mentalidade portuguesa com a dos povos civilizados. Todos os outros objectivos empalidecem e se tornam secundários em face deste. Educar os elementos selectos da nossa sociedade, de modo a que se possam tornar depois os grandes apóstolos e propulsores da educação das massas, da sua europeização – tal é a ideia que hoje se está enraizando em todos os sectores da vida portuguesa²⁴.

A educação dos portugueses está no centro do processo de modernização da sociedade portuguesa e a sua realização só pode ser feita se, em primeiro lugar, se educarem as elites nacionais. A questão ganha uma importância que transcende as fronteiras lusas e abarca toda a Europa. O velho mundo atravessa uma profunda crise na qual o «europeu médio», herdeiro espiritual e material do liberalismo oitocentista, se encontra numa posição minoritária. Os extremistas dominam as massas europeias, tornando difícil aos defensores das «ideologias intermédias» fazerem ouvir os seus pontos de vista em defesa da «eminente dignidade da natureza humana»²⁵. A crítica dirige-se aos extremismos de direita e de esquerda, ou seja, implicitamente o nazismo e o comunismo, outrora minoritários, mas na actualidade dominantes sob o impacto da crise financeira e económica de 1929. Contudo, Cunha Leal considera tratar-se de uma situação temporária e, uma vez ultrapassada a fase de desestabilização social e política, tudo voltará à normalidade. A «função educadora» das

²³ «Que probabilidades de sucesso terá um empreendimento desta natureza? Carecemos de força capitalista, carecemos de capacidade técnica, carecemos de preparação intelectual. A par deste passivo, muito para considerar, podemos inscrever no nosso activo alguns valores que não são também despreciados. Temos um vasto domínio colonial, que nos permite esperanças de reabilitação económica. Por outro lado, estamos assistindo neste momento, por esse mundo além, ao curioso espectáculo dum capitalismo ou em transes de falência ou em via de mudar de pele, como os ofídios. E, sobretudo, vivemos em época em que a consciência e a sensibilidade individuais e colectivas estão rompendo com os moldes clássicos. À primeira vista dir-se-ia que não poderia oferecer-se-nos melhor oportunidade do que esta para nos compenetrarmos dos interesses, das paixões, das ideias e dos métodos de acção do homem contemporâneo para nos aproximarmos dele, galgando de vez a distância que dele nos vem separando há muitas décadas.» LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 106.

²⁴ Cf. LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 106.

²⁵ Cf. LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 107.

elites virá a ter uma nova relevância e eficiência e, portanto, será preciso preparar o futuro, o que é manifestamente o papel da *Vida Contemporânea*²⁶. Assim sendo, compreende-se o seu papel de captação dos intelectuais lusos, em nome do progresso, para «a obra educativa do agregado nacional»²⁷. O projecto educacional da revista torna-se um elemento de mobilização das elites da oposição, devido ao seu impacto cultural na sociedade portuguesa da época. Em 31 de Janeiro de 1935 realiza-se um almoço de confraternização, no Hotel Avis, com o objectivo explícito de organizar uma estrutura cultural destinada a propagandear as ideias de instrução pública²⁸.

A expulsão, em Maio de 1935, de Francisco Pinto da Cunha Leal para Espanha, pelo governo do Estado Novo, esteve ligada à sua participação na falhada intentona, desse mesmo mês, em ligação com republicanos e nacionais sindicalistas. Todavia, Vasco da Gama Fernandes não deixa de ter razão ao chamar à atenção para o aparente êxito da tarefa de captação da intelectualidade portuguesa para o campo da oposição. O regime não podia deixar de considerar esta actividade extremamente perigosa, levando à transposição da heterodoxia para o interior do próprio Estado. Ou seja, arriscava-se a encontrar uma dissidência reforçada, nas fileiras do regime, condutora de uma desagregação progressiva do bloco do poder. O *salazarismo* veria não só as suas bases de apoio minadas mas confrontar-se-ia com uma alternativa e um rival de peso no interior do Estado Novo²⁹.

Novos e Velhos

As diferenças geracionais foram essenciais nas análises de Cunha Leal sobre o universo da cultura nacional. Com efeito, referindo-se à boa recepção da *Vida Contemporânea* entre o público português, não desdenha criticar os «herdeiros espirituais do Velho do Restelo» que se opõem ao projecto da sua revista³⁰. No entanto, o essencial joga-se na unidade entre os portugueses cultos de todas as idades em prol de um mesmo objectivo³¹. Neste sentido,

²⁶ Cf. LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 107-108.

²⁷ Cf. LEAL – No começo da nossa jornada..., p. 108.

²⁸ «No dia 31 de Janeiro num dos *restaurants* da capital reuniram-se num almoço de confraternização cerca de duzentos jornalistas, escritores e artistas, para trocar impressões sobre alguns instantes problemas mentais.

Resolveu-se criar um organismo de carácter cultural que propagandearse no meio português as ideias da instrução pública, num trabalho sério e honesto pela reforma inadiável da mentalidade nacional.

Vida Contemporânea associa-se esse empreendimento louvável.» In REDACÇÃO – Almoço de confraternização intelectual. *Vida Contemporânea*. Ano II, n.º 11 (Mar. 1935) p. 227.

²⁹ «Simultaneamente, aproximava-se do fim do meu curso, num esforço sem dúvida com algum mérito, dada a dispersão das minhas actividades. Cerca de um ano depois da publicação da revista, dava-se o acontecimento do almoço de confraternização, no Hotel Avis, trazendo como consequência o segundo exílio de Cunha Leal para Espanha, e com ele o Dr. Domingos Pereira e o comandante Prestes Salgueiro. E, para coroação detestável da repressão inesperada, o Conselho de Ministros demitia ou reformava trinta e três funcionários públicos, muitos deles sem quaisquer afinidades com a revista e que não haviam participado sequer no almoço que desesperava Salazar.» In FERNANDES, Vasco da Gama – *Depoimento Inacabado*, p. 53.

³⁰ Cf. LEAL – Novos e velhos. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 3 (Jul. 1934) p. 185.

³¹ «Fizemos um apelo à colaboração dos portugueses cultos e com poder criador, sem distinguirmos entre velhos e novos porque, para nós, a certidão de idade nem constitui garantia suficiente de capacidade, nem prova automática de impotência. O valor dos homens, à falta de um registador mecânico de merecimentos potenciais, tem de aquilatar-se pelas suas obras. Ora, nem, aqueles que já as produziram devem ser perseguidos pela ciúmeira

a oposição entre velhos e novos é um absurdo pois todos são necessários para a resolução dos problemas nacionais e os seus contributos são igualmente importantes e válidos:

Perante a imensidade dos problemas que temos a resolver, somos poucos demais para que no nosso escol de homens selectos as divisórias de idades se venham juntar às barreiras ideológicas, de modo a enfraquecerem o esforço colectivo. Queremos calçar as «botas de sete léguas» para podermos transpor a distância que nos separa dos povos civilizados, elevando-nos para isso sob o ponto de vista intelectual e económico? Queremos ser um povo colonizador, isto é um povo capaz de fazer brotar na selva, pouco menos do que virgem, novas nacionalidades e quiçá novas civilizações? Queremos, em suma, deixar de ser quantidade desprezível no concerto da vida internacional, de modo que no futuro não sejamos motivo para as canções *boulevardières* em que *les portugais toujours gais* alternam com os retóricos e espampanantes portugueses de torna-viagem? Se tudo isso queremos com vontade firme, como é possível esta guerra do *Alecrim e da Mangerona*, esta justa incruenta entre o reumatismo senil e a borbulha adolescente³²?

Trata-se da tentativa de ultrapassar o hiato geracional, simbolizado pelas figuras opostas de Apolo e Dionisos, numa vaga referência nietszchiana, ou seja, a estabilidade da ordem e o dinamismo criador da mudança³³. Apelo unitário que procura transcender barreiras ideológicas, mas, principalmente, proteger os jovens com quem se identifica no corpo do artigo e que deseja captar para a colaboração na revista, face às velhas notabilidades republicanas³⁴. A preocupação era legítima, num tempo marcado pela emergência, nos campos literário e artístico, da «Política do Espírito» da S.P.N. e, simultaneamente do aparecimento de «Os Engenheiros de Almas» estalinistas. Na verdade, os intelectuais portugueses eram facilmente captados para a estratégia de poder salazarista, corporizada por António Ferro com o apoio do presidente do conselho, desde o início do Estado Novo em 1933³⁵. Um dos casos mais conhecidos foi o de Almeida Negreiros que, nesse mesmo ano, produziu um cartaz para a União Nacional a apelar ao voto na Constituição de 1933. Ora, é exactamente este artista que, em Maio de 1934, colabora pela primeira e última vez com um artigo na *Vida Contemporânea*. As dificuldades de afirmação dos jovens pertencentes às vanguardas artísticas da época, face aos consagrados que, na Primeira República, dominavam as instituições culturais, explica esta imediata adesão às propostas culturais do regime. Aliás, Almeida Negreiros refere-o expressamente nas páginas da revista:

mesquinha dos aspirantes a celebridade, nem tão pouco os que ainda se encontram no estado de promessas devem ser impedidos de se revelarem pela embófia dos consagrados.» In LEAL – Novos e velhos, p. 185.

³² Cf. LEAL – Novos e velhos, p. 187-188.

³³ Cf. LEAL – Novos e velhos, p. 187-188.

³⁴ Cf. LEAL – Novos e velhos, p. 186-187.

³⁵ Cf. Ó, José Ramos do – *Os Anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «Política do Espírito», 1933-1949. Ideologia, instituições, agentes e práticas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999, p. 113-122. Consultar também Ó, Jorge Ramos do – *Salazarismo e Cultura*. In ROSAS, Fernando (coord.) – *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, Vol. XII, p. 401-412.

Oficialmente a arte em Portugal está em três sítios: nos Museus, na Escola de Belas Artes e nas exposições da Sociedade Nacional das Belas Artes. Aqui, nesta última, sobretudo no certâmen anual chamado Exposição Nacional de Belas Artes se exhibe o que produzem os artistas portugueses e onde se reúnem, para vergonha nossa, pinturas de vários senhores, unidos pela mesma desgraça que a nós, como portugueses, também nos atinge. Se não fosse «Nacional», nada tínhamos que ver com essa miserável miséria. Miséria, digo-o com todas as letras aos próprios expositores e para que o público me oiça. Essa dúzias de pintores jovens e velhos aí reunidos, e os quais serão sem dúvida pessoas individualmente merecedoras do nosso melhor respeito, não têm o direito de se apresentarem na nossa época daquela maneira tão inconsciente do momento actual do mundo, a não ser que sejam, o que não cremos, conscientemente charlatães. Interrompo-me para perguntar ao povo português: Há por ventura algum sentimentalismo que permita, a título de humanidade, termos contemplações para com uns pintores e escultores que não estão de maneira nenhuma à altura da dignidade estética portuguesa e que ainda por cima seja o próprio Estado quem conceda o privativo da palavra «Nacional» para os seus certâmens³⁶?

O apoio de António Ferro era fundamental para conseguir derrubar os elementos conservadores da Sociedade de Belas Artes que monopolizavam o sector das exposições públicas, constituindo uma oligarquia anti-modernista. Aliás, o Estado, sendo o representante do interesse colectivo, pode legitimamente operar uma mutação radical no funcionamento das instituições culturais. Compreende-se, assim, o apelo a uma intervenção «violenta» do Estado na luta entre sectores no campo artístico, a favor da vanguarda modernista³⁷. A aparente satisfação destas reivindicações por António Ferro e o S.P.N. explicam provavelmente o seu afastamento da revista e as suas ligações posteriores ao Estado Novo³⁸.

No campo oposto podemos colocar a personagem de Abel Salazar, também ele colaborador da *Vida Contemporânea* embora de forma mais permanente desde Dezembro de 1934 a Março de 1936. Pertencendo à mesma geração de Cunha Leal pautou, parte da sua vida pela colaboração com os estudantes universitários, sendo assim um elemento de ligação entre «velhos» e «novos». A colaboração nas páginas da revista foi regulada por uma actividade constante de divulgação sistemática de formas de pensar e sentir, bem presentes nas suas crónicas culturais sobre Paris, a par de reflexões mais complexas sobre a relação entre a ciência e o direito. Contudo, o maior impacto filosófico do seu contributo resulta sem dúvida dos artigos de apresentação do positivismo lógico da escola de Viena, que não pôde prosseguir pelo facto da revista ter deixado de se publicar. A participação na *Vida*

³⁶ Cf. NEGREIROS, José de Almada – S.O.S. BELAS ARTES. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 1 (Maio 1934) p. 88.

³⁷ «A solução não pode deixar de ser de ordem violenta, violenta contra os acomodados a situações que não interessam senão aos próprios, violenta a favor dos que mal conseguem produzir, asfixiados pela hostil atmosfera da burocracia oficial artística.

Nós acreditamos no Estado e acreditamos que Ele não pode de maneira nenhuma deixar de ser competente em todos os seus assuntos um dos quais se chama Arte.

E que não duvide nem um segundo o Estado que a situação da Arte em Portugal é neste momento exactamente esta: S.O.S.

Lisboa, 21 de Abril 1934». NEGREIROS, José de Almada – S.O.S. BELAS ARTES. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 1 (Maio 1934) p. 90.

³⁸ Cf. Ó, José Ramos do – *Os Anos de Ferro*, p. 152-212.

Contemporânea não foi um acto isolado, pois Abel Salazar conduziu, entre 1935 e 1940, uma activa acção de propaganda nas páginas dos mais diversos periódicos da oposição, em prol do apostolado da vulgarização cultural. O esforço tinha uma componente política, marcada pela contestação das principais concepções doutrinárias do Estado Novo, mas sem opção ideológica definida. Na verdade, o sectarismo era-lhe estranho preferindo acentuar uma colaboração com todos os grupos oposicionistas em prol da difusão de «um paradigma de conhecimento positivo e científico»³⁹. Assim sendo, compreende-se a relevância do seu último artigo na revista na qual reflecte sobre a «degenerescência intelectual» da Europa e se faz a apologia do positivismo lógico da escola de Viena:

Faz isto parte do grande síndrome *européístico*, como demonstrarei noutro lugar; e a Europa, em início de degenerescência intelectual, tende, como a Grécia outrora em período análogo, a sepultar-se nas brumas do irracionalismo místico.

Esta filosofia anti-racional, fascista, imperialista e aristocrática, que utiliza um idioma de combate e tenta violentar o não convencido, e que alimenta e dá substância a uma mística política e social correspondente, conduz-nos na sequência desta corrente, ao momento actual. Enquadra toda uma vasta produção polimorfa, mas que obedece a este tipo geral; e faz assim contraste, como vemos com a corrente empiro-lógica de que um dos expoentes é precisamente a Escola de Viena⁴⁰.

O antídoto contra o veneno ideológico do fascismo, do romantismo místico, do irracional encontrava-se não no marxismo mas no positivismo lógico do Círculo de Viena. Abel Salazar nunca se transformou num «engenheiro da alma» estalinista, apesar dos esforços de sedução de Álvaro Cunhal com o qual manteve um activo diálogo intelectual⁴¹.

Erudição e cultura

A desmistificação das concepções organicistas da cultura está estreitamente ligada, em Cunha Leal, à reflexão sobre o papel dos intelectuais na sociedade. Compreende-se a sua contestação das afirmações de Göering sobre a cultura e a ciência feitas na base da ideologia do sangue e da terra⁴². Ridiculariza «o prodígio mitológico» do culto nazi do «Chefe» e regressa ao conceito de vida para exprimir de forma clara os seus pontos de vista

³⁹ Cf. CUNHA, Norberto Ferreira da – *Génese e Evolução...*, p. 359-360.

⁴⁰ Cf. SALAZAR, Abel – A Nova Escola Filosófica de Viena. *Vida Contemporânea*. Ano II, n.º 23 (Mar, 1936) p. 1036-1037.

⁴¹ Cf. PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal uma biografia política. «Duarte» o Dirigente Clandestino (1941-1949)*. Lisboa: Temas & Debates, 2001, Vol. 2. p. 2-19. Ver também MADEIRA, João – *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista e os Intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996, p. 75-140.

⁴² «Os verdadeiros chefes nasceram do sangue e da terra e não têm nenhuma necessidade de cultura e de ciência» e ainda «O verdadeiro chefe é portador duma maior ciência: são as capacidades dadas por Deus afim de que o chefe governe os seus irmãos de raça.» LEAL, Francisco Pinto da Cunha – *Compreensivos e cristalizados. Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 1 (Ago. 1934) p. 269. Sobre o tema da responsabilidade dos intelectuais na Europa dos anos 30 consultar: WINOCK, Michel – *Le siècle des intellectuels*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 238-311.

nestas matérias⁴³. Assim sendo, a ciência e a cultura são formas diferentes, mas interligadas, de obter um conhecimento provisório do mundo pelo homem, com utilidade prática imediata para a vida de cada indivíduo. A cultura define-se por um esforço de apropriação dos conhecimentos, adquiridos pela ciência, num processo contínuo que rejeita a sua fácil obtenção por uma casta de predestinados:

A característica da aquisição da cultura é o esforço. O povo tem para significar isto uma frase: o saber não cai do céu aos trambolhões. É contra a ordem estabelecida por qualquer religião a revelação divina em matéria cultural. E o que é que deveremos entender por capacidade? É a possibilidade de mais ou menos rápida absorção de conhecimentos e a maior ou menor facilidade de, concatenando-os, extrair deles novas concepções. Deus pode dar e dá, com efeito, aos vários seres humanos capacidades desiguais. O que seria abominável e revoltante é que, ao mesmo tempo, poupasse inteiramente a uma reduzida casta de privilegiados o trabalho de armazenar no cérebro certa dose dos factos e das leis que constituem a ciência⁴⁴.

Estas concepções da ciência e da cultura permitem-lhe seguidamente operar a distinção entre erudição e cultura a partir de uma conferência de Eduardo Coelho sobre «a crise do pensamento contemporâneo»⁴⁵. Com efeito, a ideia de erudição traduz agora um conhecimento científico e filosófico da vida, sendo a cultura a integração dos factos do tempo histórico nas teorizações elaboradas pela primeira⁴⁶. O homem culto é a figura central do universo civilizacional pela sua capacidade criadora e assume um papel de primeiro relevo nas crises que abalam as sociedades modernas. Na verdade, só ele é capaz de levar a cabo a «idealização dum mundo novo» totalmente impossível para o homem erudito imobilizado nas concepções estáticas de um saber puramente formal⁴⁷. A oposição entre erudição e

⁴³ «Somos dos que não defendem a cristalização dos conceitos sobre a vida. O homem é uma incógnita que vive no meio de mistérios, tentando penetrá-los com todas as veras do seu instinto e da sua inteligência. O que os distingue dos outros animais é precisamente a ânsia de saber, a capacidade de ir construindo representações do mundo exterior condenadas ao desaparecimento no fim de algum tempo, a possibilidade de arquetectar hipóteses sobre o seu mundo interior. O conjunto de todas as noções formuladas em cada época a tal respeito pela espécie humana constitui a ciência, e a parcela destes conhecimentos absorvida por cada um forma a sua cultura». In LEAL – Compreensivos e cristalizados, p. 270.

⁴⁴ Cf. LEAL – Compreensivos e cristalizados, p. 270-271.

⁴⁵ «Na sua interessante conferência sobre a «crise do pensamento contemporâneo», o Dr. Eduardo Coelho afirmou que, «para nos conduzirmos e orientarmos no tablado revolto da vida, temos necessidade de possuir roteiros seguros: ideias firmes sobre o mundo, convicções fortes sobre a vida, concepções reais sobre o nosso destino e o nosso tempo». E acrescentou que «o conjunto dessas ideias é que constitui a cultura, ritmo individual, particular, de cada homem e de cada época». In LEAL – Erudição e cultura. *Vida Contemporânea*. Ano I, n.º 5 (Set. 1934) p. 367.

⁴⁶ «Quem atentar bem nas palavras que vimos de transcrever, considerando-as no seu significado íntimo e profundo, há de compreender, sem grande esforço, a distinção existente entre erudição e cultura. A primeira, de sentido mais restrito, consiste no conhecimento das teorias científicas fundamentais e dos conceitos sobre a vida, que vigoram em cada época, ao passo que a segunda, de sentido mais lato, consiste na capacidade de integrar os factos que se desenrolaram em nós ou em torno de nós dentro desses sistemas de ideias basilares. Assim, pois, se o homem erudito pode não ser culto, o homem culto é necessariamente erudito.» LEAL – Erudição e cultura, p. 367.

⁴⁷ «É que – repetimos – cultura não é saber estático: é saber dinâmico, isto é animado de vida; é a capacidade de completar, à custa de observações pessoais aquelas ideias dominantes sobre o mundo, aquelas convicções contemporâneas sobre a vida, aquelas concepções vigentes sobre o nosso destino e o nosso tempo, de que nos

cultura fornece a chave para definir o intelectual e a função que deve desempenhar num momento de crise civilizacional:

Observe-se, por último, que a simples erudição torna o homem propenso a optimismos ingénuos e a contentamentos enfatuados, ao passo que a verdadeira cultura comunica às almas uma curiosidade insaciável, eivada de inquietações e de dúvidas sistemáticas sobre o valor das ideias que definem o fâcies espiritual de cada geração. E, deste modo, se a primeira conduz à cristalização do saber, a segunda é eminentemente progressiva, por isso que a insatisfação intelectual, que a caracteriza, força os espíritos a torcerem-se sobre si próprios, na ânsia baldada de a transformarem em pleno contentamento, e, a o mesmo tempo, atentos aos seus menores movimentos para os cotejarem com os princípios que lhes parecem regulá-los⁴⁸.

Ou seja, sendo a actividade cultural eminentemente criadora, o papel do intelectual deve definir-se pela acção dinamizadora que incute na própria sociedade. Assim sendo, o intelectual não pode ser uma personagem acomodada e, logicamente, a *Vida Contemporânea* apela a uma reforma das mentalidades, ao chamar os intelectuais a participarem no processo de transformação cultural de Portugal. Nesta perspectiva, o fim precoce da revista não é considerado um insucesso, pois o germen da heterodoxia, da insaciável curiosidade intelectual, persistirá como um herança que transcenderá os tempos, justificando plenamente, a legenda por debaixo do retrato de Cunha Leal no seu último número:

*Vida Contemporânea completa hoje dois anos da sua existência.
Dois anos de luta, de sacrifícios bem compensados com a certeza de que alguma coisa de útil resultou para a Pátria e para a República, da publicação regular desta revista*⁴⁹.

falou o Dr. Eduardo Coelho, quando umas e outras se nos afiguram insuficientes e imprecisas; e é, acima de tudo, a constante integração dos factos que se produzem dentro dos sistemas que se idealizam». In LEAL – Erudição e cultura, p. 369.

⁴⁸ Cf. LEAL – Erudição e cultura, p. 370.

⁴⁹ Cf. REDACÇÃO – Francisco Pinto Cunha Leal. *Vida Contemporânea*. Ano II, n.º 24 (Abr. 1936) p. 370.